APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

# *História das mulheres, relações de gênero e sexualidades na América Latina*

Organizadoras:

Ana Maria Colling (UNESCO/Cátedra Diversidade Cultural e Gênero e Fronteiras)
acolling21@yahoo.com.br

Carola Gabriela Sepúlveda Vásquez (Programa de Pós- graduação em História e Interdisciplinar em Estudos Latino americanos da UNILA)
carola.vasquez@unila.edu.br

Cleusa Gomes da Silva (Programa de Pós-graduação em História- UNILA)
cleusa.gomes@unila.edu.br

> *¿Cómo entonces concebir y diseñar contrapedagogías capaces de rescatar una sensibilidad y vincularidad que puedan oponorse a lás presiones de la época y, sobre todo, que permitan visualizar caminos alternartivos? (Segato, 2018, p.15)*[1].

Ao finalizarmos a organização deste Dossiê temático uma imensa alegria nos envolve. Alegria por atestarmos o quanto o pensamento latino-americano está pulsante. Neste caso especial, em relação às mulheres, relações de gênero e sexualidades. Também alegria pela quantidade de textos propostos e apresentados por intelectuais das mais diversas regiões do Brasil e da América Latina. A grande quantidade de textos foi um desafio para as organizadoras e pareceristas. Como todos são textos muito bons, apenas alguns tangenciando a proposta do dossiê, sugerimos aos autores e autoras não foram contemplados, que proponham os mesmos em curso contínuo neste mesmo periódico.

O campo de estudos da História das Mulheres, das Relações de Gênero e sexualidades nas últimas décadas, se constituiu de grande importância na ampliação do campo historiográfico, permitindo que a produção do conhecimento histórico fosse generificada e virasse seu olhar e percepções para as mulheres, masculinidades e sexualidades dissidentes enquanto sujeitos da História. Inicialmente a História das Mulheres foi construída a partir da exclusão, hoje podemos afirmar que a persistência em excluir esses sujeitos da historiografia, assim como pretas/os, indígenas e sexualidades dissidentes, entre outros/as,pode ser compreendido na escrita da história pela sua ausência, pela sua invisibilidade.

[1]SEGATO, Rita Laura. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: PrometeoL bros, 2018, p.15.

Atualmente assistimos com pesar e preocupação o silenciamento radical e físico de mulheres e LGBTQIAPN+. O Brasil tem sido noticia internacional pela quantidade de feminicidios praticados. Não há classe social, não há idade, cor ou raça, todas são igualmente exterminadas. A “terceirização” da violência e desprezo pelas mulheres se manifesta no assassinato de crianças para castigar suas mães. Os principais assassinos tem sido, na maioria das vezes de ex-namorados, ex-noivos, ex-maridos, ex-amantes que não suportam ter sido abandonados. Muitos homens, estão se organizando no combate a esta violência porque perceberam que esta não é uma luta somente das mulheres e sexualidades dissidentes mas de toda a sociedade. Entendemos que a academia, os intelectuais, necessitam fazer parte desta luta que é todos, todas e todes.

Este dossiê, proposto pelo Grupo de Pesquisa Observatório de Gênero, Diversidade e Educação na América Latina e Caribe e do Observatório de Gênero e Diversidade e na América Latina e Caribe, com sede na Universidade Federal de Integração Latino-americana – UNILA, tem como proposta fundamental colocar em diálogo pesquisas com ênfase em narrativas autobiográficas, trajetórias femininas, nos estudos de gênero e das sexualidades na América Latina, assim como da pluralidade e da interseccionalidade que envolve as experiências das mulheres e outros sujeitos silenciados. A proposta visa desconstruir, deslegitimar e desnaturalizar o binarismo, a misoginia e o essencialismo biológico, o apagamento e as desigualdades infligidas às mulheres e transgêneros que tem como ápice os feminicídios.

As organizadoras desejam uma boa leitura e que os textos sirvam de subsídios para suas aulas, suas pesquisas e sua militância, e, seguindo o convite de Rita Segato possibilite conceber e criar contrapedagogias que resgatem as sensibilidades e os vínculos e que nos permitam construir comunidades e impor limites à coisificação da vida.